

Emma Bovary somos nós: análise fenomenológica de uma existência possível

We are Emma Bovary: phenomenological analysis for a possible existence

Humberto de Almeida¹

Resumo

O presente trabalho procura analisar, do ponto de vista da psicopatologia fenomenológica, o personagem Emma Bovary, com base na minuciosa descrição oferecida por Gustave Flaubert (1821 – 1880) no romance Madame Bovary (1857). Tal análise utiliza como referências principais os conceitos de Mundo Próprio e Mundo Compartilhado, propostos por Ludwig Binswanger (1957) e ainda, as três formas de existência malograda – Exaltação (Extravagância), Excentricidade e Maneirismo – também concebidas por Binswanger (1972).

Palavras-chave: Existencialismo; Teoria psicológica; Literatura francesa

Abstract

The aim of this work was to analyze, by the phenomenological psychopathology point of view, the character Emma Bovary, based on the detailed description provided by Gustave Flaubert (1821 – 1880) in the romance Madame Bovary (1857). The main references of such analyze were the concepts of Own World and Shared World, proposed by Ludwig Binswanger (1957); and the Three Forms of Failed (Frustrated) Existence - Exaltation (Indulgence), Eccentricity and Mannerism, also conceived by Binswanger (1972).

Keywords: Existentialism; Psychological theory; French literature

¹ Theras Psicologia Clínica, Campinas (SP), Brasil.

E-mail para correspondência: humberto@theraspsicologia.com.br

Recebido em: 4/5/2015

Aceito em: 23/11/2015

Introdução

“O que se pode saber de um homem, hoje em dia?”, pergunta Sartre (2013) no prefácio de “O idiota da família”. Tal questão, prossegue, só pode ser respondida por meio do estudo de um caso concreto. O personagem escolhido para este estudo é o romancista francês Gustave Flaubert (1821 – 1880), a respeito do qual Sartre se propõe, como método, a totalizar as informações disponíveis. Talvez não seja coincidência o fato de que Flaubert, ao compor o que é considerado o mais importante romance da literatura francesa, também tenha se empenhado na descrição metódica e minuciosa da personagem central, Ema Bovary.

Como observa Nelly Vélez Sierra (2007), Flaubert parece ter em mente mostrar “dia a dia, minuto a minuto, os pensamentos e ações de sua heroína”. Podemos considerar que, de tal empenho e da capacidade narrativa do autor, tenha surgido um personagem verdadeiro o bastante para que possamos buscar nele os atributos da Presença (Dasein)? O presente trabalho parte do princípio que sim: Flaubert dotou Ema Bovary de tal coerência e sua história de tal continuidade de sentido, que podemos buscar compreendê-la como pessoa real, a respeito da qual seria possível, como sugere Sartre (2013), totalizar as informações disponíveis.

Ema Bovary e a fenomenologia: busca de estudos precedentes

Uma pesquisa preliminar de referenciais teóricos, realizada por meio de mecanismo qualificado de busca (<http://scholar.google.com.br/>), sugere a predominância de estudos não fenomenológicos sobre o romance e seu personagem central. Do ponto de vista fenomenológico, Jeanine Chamond (2004), propõe uma leitura do romance “*avec Bisnwanger*”. A partir do personagem Ema Bovary, Chamond amplia o olhar para a obra como um todo, analisando-a em termos de alto e baixo, elevação e queda, ou ainda, de falsa elevação e verdadeira elevação.

Objetivo e método

O presente trabalho tem como objetivo analisar, do ponto de vista da psicopatologia fenomenológica, o personagem Ema Bovary, do romance *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert (1821 – 1880). Com este propósito, busca identificar a maneira como se aplicam ao personagem os conceitos de Mundo Próprio e Mundo Compartilhado, propostos por Ludwig Binswanger (1957), bem como as três formas de existência malograda –

Exaltação, Excentricidade e Maneirismo – também concebidas por Binswanger (1972). O ponto de partida é o “relato do caso”, um resumo fiel do romance, no qual buscamos apresentar Ema inserida na sua existência, tal como concebida por Flaubert.

Relato do caso

Ridiculus sum

O drama existencial de Ema Bovary tem um eixo e, segundo ela crê, com inabalável convicção, uma causa: seu marido Carlos, a cuja nulidade atribui todas as limitações e frustrações de sua vida. Flaubert, que em nenhum momento qualifica explicitamente seus personagens, começa a delinear a personalidade de Carlos Bovary por meio da descrição de sua chegada ao colégio de Ruão. O rapaz veste-se como um camponês, com um casaco muito apertado e um boné extravagante, “um desses pobres objetos, cuja fealdade possui a mesma profundidade de expressão que o rosto de um idiota” (Flaubert, 1981, p. 8). Quando o professor lhe pergunta o nome, Carlos responde com um murmúrio incompreensível, que as gargalhadas dos colegas abafam. Mais alto! – exige o professor. E dessa vez, a resposta do novato escapa como um grito: Carbovari! Nova explosão de gargalhadas, e o professor, tendo conseguido compreender o nome de Carlos Bovary, manda-o sentar-se no banco dos preguiçosos e ordena que copie 20 vezes a frase *ridiculus sum*.

Carlos, no entanto, se aplica. No mesmo dia em que é recebido de forma tão humilhante, concentra-se nas tarefas da aula, embora, vez por outra, uma bolinha de papel venha atingir-lhe o rosto. À noite, à hora do estudo, os colegas o veem “trabalhar conscienciosamente, procurando palavras no dicionário, cansando-se bastante” (Flaubert, 1981, p. 9). Graças a essa boa vontade, consegue sair-se razoavelmente bem nos estudos e formar-se em medicina com uma alta nota.

Foi então trabalhar em Tostes, aldeia próxima a Ruão, onde havia apenas um velho médico. Por arranjo da mãe, casou-se com a viúva de um oficial de justiça, “mulher de 45 anos e 200 libras de renda” (p. 13). Aplicado ao trabalho como fora aos estudos, foi, aos poucos, firmando seu nome e conquistando clientes, entre eles o senhor Roualt, pequeno proprietário rural, que vivia em companhia da única filha, por quem Carlos, quase sem se dar conta, começa a encantar-se. Falece, então, sua esposa e suas relações com a jovem vão, pouco a pouco, ganhando colorações amorosas. Ao velho Roualt não desagradava que alguém o

livre da filha, que pouco o ajuda, mesmo o rapaz lhe parecendo “um pouco efeminado” (Flaubert, 1981, p. 22). Carlos e Ema casam-se, então. A festa reúne 43 pessoas, que se demoram 16 horas à mesa.

A vida de casado revelou-se para ele uma contínua felicidade. Coisas que “nunca suspeitara pudessem dar prazer formavam agora a continuidade do seu bem-estar” (p. 29). Ema, de seu lado, logo começa a refletir sobre o casamento: julgara sentir amor, mas como a felicidade resultante desse amor não aparecesse, pensava ter se enganado. “E procurava saber qual era, afinal, o significado certo, nesta vida, das palavras ‘felicidade’, ‘paixão’ e ‘embriaguez’, que nos livros pareciam tão belas” (Flaubert, 1981, p. 30).

Ema

Menina ainda, Ema fora enviada pela mãe ao Convento das Ursulinas, onde aprendera “dança, geografia, desenho, bordados e piano” (Flaubert, 1981, p. 18) e, também, se iniciara na leitura de romances. Tais livros, que muito influenciaram sua visão de mundo, traziam todos os estereótipos da literatura romântica. Ema brincava pouco no recreio, entendia perfeitamente as lições do catecismo e, vivendo o tempo todo na atmosfera tépida do convento, “foi descaindo docemente para a languidez mística que se exala dos perfumes do altar, da frescura da água benta e do flamejar dos círios” (Flaubert, 1981, p. 31). Quando sua mãe morreu, chorou muito nos primeiros dias e logo se tomou de melancolias grandiosas. Mandou fazer um quadro fúnebre com os cabelos da defunta e pediu que, quando morresse, a enterrassem no mesmo túmulo. Com tudo isso, “ficou intimamente satisfeita de se sentir chegada ao raro ideal das existências pálidas, nunca atingido pelos corações medíocres” (Flaubert, 1981, p. 33).

Agora, casada, já não acreditava que a vida tranquila ao lado de Carlos fosse a felicidade que tanto idealizara. Parecia-lhe que, para saboreá-la, “teria sido preciso, sem dúvida, viajar-se por países de nomes sonoros (...) ou encerrar a tristeza num *cottage* escocês, com um marido de casaca de veludo preto com abas grandes, botas, chapéu pontiagudo e com rendas nas mangas!” (Flaubert, 1981, p. 35).

Desilusão

Ema gostaria de confidenciar a alguém o “inexplicável mal-estar” que a acometia, mas não encontrava palavras, coragem e ocasião para fazê-lo. Incomodavam-na a conversa de

Carlos, “plana como o passeio da rua” (Flaubert, 1981, p. 35) e sua inaptidão para o que ela considerava habilidades indispensáveis a um homem: ele não sabia esgrimir, atirar e nem mesmo pôde explicar-lhe certo termo de equitação, que encontrara em um romance. “Um homem não devia, ao contrário, primar em múltiplas atividades, saber iniciar uma mulher nos embates da paixão, nos requintes da vida, enfim, em todos os mistérios?” (Flaubert, 1981, p. 35). Perguntava-se, então, “se não haveria um meio, por quaisquer combinações do acaso, de encontrar outro homem” (Flaubert, 1981, p. 38) e punha-se a imaginar um marido distinto, belo e inteligente “tal como eram, sem dúvida, os que se tinham casado com as suas companheiras de convento” (Flaubert, 1981, p. 38).

O baile em Vaubyessard

Aconteceu então, algo notável: ela e o marido foram convidados pelo marquês d’Andervilliers para o baile anual em seu castelo, em Vaubyessard. Ema pôde, assim, respirar um pouco da atmosfera que conhecia apenas pelos romances e pela imaginação. Preparou-se para o baile “com a meticulosa consciência de uma atriz na noite de estreia” (Flaubert, 1981, p. 42). Encantou-se com os nomes pomposos, escritos sob o retrato de senhores aristocráticos, conversou alegremente com a marquesa, recebeu amabilidades do marquês e rodopiou pelo salão de dança, levada por seu cavalheiro, que não era Carlos. Na volta para casa, silenciosa, não cessava de olhar para as rodas da charrete. Aquela viagem abrira uma fenda em sua vida. O roçar da riqueza deixara em seu coração “vestígios que nunca mais se apagariam” (Flaubert, 1981, p. 46).

Não cessava de pensar no baile. Onde estaria o visconde com quem dançara? Muito longe, em Paris! Comprou um mapa da capital e, com o dedo, percorria suas ruas e bulevares. Seu pensamento se afastava de tudo que lhe era mais próximo; a mediocridade da sua existência parecia-lhe uma exceção, para além da qual se estendia, “a perder de vista, o imenso país da felicidade e das paixões” (Flaubert, 1981, p. 48). Carlos, por seu lado, inspirava confiança aos clientes e, por não ser orgulhoso, era querido pelos camponeses. Como médico, sua reputação estava definitivamente firmada. Ema, no entanto, não lhe via qualidades e desejava ter, por marido, um estudioso ilustre, cujo nome fosse visto “nas vitrinas das livrarias, repetido nos jornais, conhecido em toda a França” (Flaubert, 1981, p. 50).

Nada de inesperado acontecia e o futuro lhe aparecia como um corredor escuro, tendo

ao fundo, uma porta bem fechada. Como lhe seria impossível tocar em um concerto, “de vestido de veludo com manga curta, em um piano Érard”, abandonou a música. Sua saúde se deteriorava; chegou-se à conclusão, por fim, de que ela tinha uma doença nervosa e que novos ares lhe fariam bem. O casal resolveu mudar-se para uma vila chamada Yonville-l’Abbaye, lugar “onde se fazem os piores queijos de Neufchâtel” (Flaubert, 1981, p. 56). “Quando partiram de Tostes, no mês de março, a Sra. Bovary estava grávida” (Flaubert, 1981, p. 54).

Yonville

Em Yonville foram recebidos por um personagem que viria a ter grande influência na vida do casal e no destino de Ema: o farmacêutico Homais. Calmo e satisfeito consigo mesmo, atribuía-se a importância de um homem de ciência e a ousadia de um livre pensador. Ávido de reconhecimento social, o sonho de sua vida era ser agraciado com a Legião de Honra. Naquela mesma noite, enquanto Carlos conversava com o farmacêutico, Ema e Léon, jovem escrevente do cartório, que também jantava na estalagem, “entraram numa dessas vagas conversações em que o acaso das frases nos conduz a todo instante ao centro fixo de uma simpatia comum” (Flaubert, 1981, p. 67).

Berta

Para Carlos, a chegada de um filho era mais um laço que o ligava à mulher, estabelecendo “como que o sentimento contínuo de uma união mais complexa” (Flaubert, 1981, p. 69). Ema desejava um menino: “havia de ser forte e moreno e chamar-se-ia Jorge; esta ideia de ter um filho varão era como que a desforra, em esperança, de todas as suas impotências passadas” (Flaubert, 1981, p. 70). Quando Carlos, ao pé da cama, lhe disse que era uma menina, “ela virou a cabeça para outro lado e desmaiou” (Flaubert, 1981, p.70).

A menina, a quem deram o nome Berta, foi entregue aos cuidados de uma ama, indo Ema visitá-la de tempos em tempos. Na primeira dessas visitas, fez-se acompanhar por Léon: “Caminhavam ambos, devagarinho, lado a lado, Ema encostando-se a ele e fazendo-o demorar o passo, que Léon media pelo dela” (...). Na volta, pela hora do jantar, Ema tomou-lhe o braço e puseram-se a caminhar falando de coisas leves, banalidades que a ambos interessavam. “Os seus olhos, no entanto, transbordavam de palavras mais sérias (...) era como um murmúrio da alma, profundo, contínuo, que dominava o das vozes” (Flaubert, 1981, p. 74).

Foi-se desenvolvendo entre eles, um encantamento suave, cheio de delicadezas mútuas e, como todas as provas do amor de Léon surgissem simultaneamente, Ema sentiu “a alma repleta de um novo encanto” (Flaubert, 1981, p. 80). Em seguida, porém, se retraiu e passou a afastá-lo, assumindo uma atitude recatada. Entregou-se com renovado empenho aos cuidados da casa e da família, voltou a frequentar a igreja e retirou Berta da casa da ama. As crianças, dizia agora, “eram sua consolação, sua alegria, sua loucura” (Flaubert, 1981, p. 82). Emagreceu, suas faces empalideceram e ela parecia “trazer na frente o vago indício de alguma predestinação sublime” (Flaubert, 1981, p. 83). Ao mesmo tempo, irritava-se com tudo – um prato mal servido, uma porta entreaberta – e voltava contra Carlos, “o obstáculo de toda a sua felicidade”, todo o ódio pelas suas penas. Quando a crise era mais forte saía a caminhar sozinha pela praia, onde, por vezes, era vista deitada de bruços, a chorar sobre os seixos.

Léon, cansado de amar sem resultado, animou-se com a ideia de terminar seu curso de Direito, em Paris. Com sua partida, recomeçaram para Ema “os maus dias de Tostes” (Flaubert, 1981, p. 96). A lembrança do rapaz tornou-se “como que o centro de convergência” (Flaubert, 1981, p. 96) da sua tristeza. Acreditava, no entanto, que tendo imposto a si tão penosos sacrifícios, podia bem ter fantasias. Comprou um genuflexório gótico, encomendou em Ruão, um vestido de casimira azul, “escolheu, na casa de L’Heureux, o mais belo dos xales e experimentou-o por cima do chambre e, com as janelas fechadas, um livro na mão, ficava estendida num canapé, assim vestida” (Flaubert, 1981, p. 96).

Foi na manhã dos comícios, espécie de feira onde os fazendeiros da aldeia apresentavam seus produtos, que pela primeira vez, viram Ema de braço com Rodolfo Boulanger. Dono de um castelo próximo à Yonville e de duas granjas que cultivava ele próprio sem grande esforço, “viviu como rapaz solteiro e passava por ter 15000 libras de renda, no mínimo” (Flaubert, 1981, p. 98). Semanas depois do primeiro encontro, visitou Ema em sua casa, onde Carlos os encontrou conversando. Rodolfo lhe disse, então, que falavam sobre a saúde da mulher, algo que preocupava o médico, já que os achaques de Ema recomeçavam. Rodolfo sugeriu que cavalgar poderia lhe fazer bem e ofereceu-se para emprestar-lhe um cavalo. Como Ema protestasse não poder aceitar, por falta de um traje apropriado, Carlos decidiu que encomendariam um. “A indumentária fê-la decidir-se” (Flaubert, 1981, p. 119).

No dia da primeira cavalgada, no bosque onde se apearam dos cavalos, Ema entregou-se a Rodolfo. Ele “não a assustou, de chofre, com galanteios. Foi calmo, sério, melancólico”

(Flaubert, 1981, p. 120). Ela, de sua parte, opôs suave resistência: “- Não! O senhor bem sabe. É impossível!” (Flaubert, 1981, p. 120). De volta a Yonville, Ema fazia o cavalo voltear nas calçadas e as pessoas saíam às janelas para vê-la. Entrando em casa, mal se viu livre de Carlos, subiu e trancou-se no quarto. “E dizia consigo mesma: ‘- Tenho um amante! Um amante!’”. Como as heroínas dos livros que havia lido, ela ia agora possuir as alegrias do amor, entrar “em algo de maravilhoso onde tudo era paixão, êxtase, delírio” (Flaubert, 1981, p. 122).

O sonho da fuga

Certo dia, após uma dura altercação com a mãe de Carlos, cedeu às súplicas do marido e foi desculpar-se com a sogra, estendendo-lhe a mão “com uma dignidade de marquesa” (Flaubert, 1981, p. 145). Depois subiu ao seu quarto e atirou-se à cama, chorando como uma criança. Ao encontrar-se com Rodolfo, suplicou-lhe que fugissem juntos, beijando-o na boca “como para obter dele o consentimento inesperado que surgiu num beijo” (Flaubert, 1981, pp. 145-146). Rodolfo perguntou-lhe da filha e ela, após pensar um pouco, respondeu que a levariam consigo. Correu de volta a casa e, a partir daí, passou por uma surpreendente mudança. Mostrava-se mais dócil e vivia como que perdida no gozo da felicidade próxima, da qual não cessava de falar com Rodolfo. Via-se levada, ao galope de quatro cavalos, a um país de onde jamais retornariam, imaginava cidades esplêndidas, onde seus dias, “todos eles magníficos, seriam iguais como ondas” (Flaubert, 1981, p. 147). Rodolfo, por seu lado, pensava nas dificuldades, pesava as despesas, até que, por fim, resolveu escapar da aventura: “Ah! Não, não, mil vezes não! Isso seria bem estúpido!” (Flaubert, 1981, p. 150). Escreveu-lhe, então, em tom dramático, afirmando não querer fazer a desgraça de sua existência e concluiu a mensagem com um adeus, separado em duas palavras – A Deus – “o que lhe pareceu de muito bom gosto” (Flaubert, 1981, p. 153). Transtornada com o abandono, Ema subiu ao seu quarto e, por um instante, pensou em atirar-se pela janela: “nada mais teria de fazer senão ceder, deixar-se levar” (Flaubert, 1981, p. 154). Ao ver a carruagem do ex-amante passar, rápida, pela praça, “soltou um grito e caiu ao solo, de bruços” (Flaubert, 1981, p. 155).

Carlos acreditou tratar-se de uma recaída e desesperou-se. Durante 43 dias ficou ao pé da mulher, deixou de atender os clientes e não se deitava mais. Ema, totalmente prostrada, não falava, não ouvia e parecia mesmo não sofrer. No auge da doença pediu que lhe dessem a comunhão: recebeu a hóstia numa alegria celestial e as chamas das velas acesas sobre a

cômoda “pareceram-lhe glórias deslumbrantes” (Flaubert, 1981, p. 160). Acreditou ouvir o som de harpas e avistar Deus Pai, que enviava à Terra “anjos com asas de fogo para levarem-na em seus braços” (Flaubert, 1981, p. 160). Quis tornar-se santa, comprou rosários e entregou-se a leituras piedosas, julgando-se “empolgada pela mais fina melancolia católica que uma alma etérea pudesse conceber” (Flaubert, 1981, p. 160).

O reencontro com Léon

Um famoso tenor se apresentava em Ruão e o farmacêutico Homais sugeriu a Carlos que levasse a mulher para assisti-lo. No intervalo, tendo saído para buscar um copo de chá para Ema, Carlos encontrou Léon, o ex-escrevente de Yonville, que logo em seguida chegou ao camarote para cumprimentá-los, estendendo a mão com o desembaraço de um fidalgo. Dali por diante, Ema não ouviu mais nada. Conversaram por alguns instantes, incomodando as pessoas na plateia, até Léon sugerir que saíssem para tomar um sorvete. Perderam, assim, o final da peça e Carlos propôs que a mulher ficasse na cidade para assistir a outra apresentação, já que ele teria que voltar a Yonville no dia seguinte. Diante daquela oportunidade, Léon pôs-se a elogiar rasgadamente o trecho final da ópera. Ema, com um sorriso estranho, balbuciou algumas objeções, mas Carlos sugeriu que ela pensasse melhor durante a noite. Acabou ficando e, às cinco horas do dia seguinte, Léon foi procurá-la na estalagem. Ao saber que partiria no dia seguinte, insistiu para vê-la, ao menos uma vez mais. Embora, a princípio, não pretendesse ir ao encontro – chegou mesmo a escrever uma longa carta, desobrigando-se dele – às 11 horas Ema estava diante do rapaz, em frente à Catedral de Ruão. Ele chamou, então, um fiacre, no qual ela achou uma grande inconveniência embarcar, até Léon convencê-la com um argumento irresistível: “– Isto se faz em Paris”. (Flaubert, 1981, p. 182). Por toda a tarde, a carruagem subiu e desceu as ruas da cidade, intrigando os burgueses, “mais fechada que um túmulo e a balouçar como se fosse um navio”. (Flaubert, 1981, p. 183). Lá pelas seis horas parou numa viela e Ema desceu, caminhando com o véu baixo, sem olhar para trás.

Encontrou, a seguir, um pretexto para voltar a Ruão: consultar Léon sobre uma procuração para administrar a herança deixada pelo pai de Carlos. Lá permaneceu por três dias “cheios, raros, esplêndidos, uma verdadeira lua de mel” (Flaubert, 1981, p. 191). Depois disso, convenceu Carlos de que deveria retomar suas aulas de música, também em Ruão, para onde passou a ir às quintas-feiras. Léon alugou um quarto de hotel, onde viviam o seu amor. Para ele, “Ema era a apaixonada de todos os romances, a heroína de todos os dramas, a vaga

‘ela’ de todos os volumes de versos” (Flaubert, 1981, p. 198). Entre um encontro e outro, ela se dedicava a decorar sua casa, comprando de L’Hereux, a prazo, cortinas, tecidos e tapetes.

Entretanto, ao voltar para casa após os encontros com Léon, trazia a morte na alma.

Derrocada

As desventuras financeiras de Ema começaram a se acentuar a partir da visita de um sujeito, enviado por um banqueiro de Ruão, que lhe apresentou uma letra de 700 francos, aceita por ela, junto a L’Hereux. Após dizer ao mensageiro que não tinha como pagar, foi pedir explicações ao comerciante, que respondeu sem rodeios à pergunta sobre o que aconteceria em seguida: “- Uma coisa muito simples: o julgamento no tribunal e, depois, a penhora... Só isso” (Flaubert, 1981, p. 212).

Apesar dessas dificuldades, continuou gastando prodigamente: “Comprou plumas de avestruz, porcelana chinesa e armários” (Flaubert, 1981, p. 214) e pedia emprestado a quem quer que fosse, sem distinção, até mesmo à criada Felicidade. Atravessava as noites lendo coisas extravagantes; por vezes, tomada de terror, emitia um grito e Carlos acudia logo, mas ela prontamente o expulsava: “- Vai-te embora! – dizia ela” (Flaubert, 1981, p. 215). Às quintas-feiras, porém, esquecia as desventuras e ia encontrar-se com Léon. “Eram os seus dias de gala: ela queria-os esplêndidos!” (Flaubert, 1981, p. 215). Depois dessas elevações, “sofria uma grande queda e tudo se despedaçava” (Flaubert, 1981, p. 217). Sentia então um cansaço enorme, a ponto de sequer dar atenção às citações de cobrança que recebia. “Quisera não viver, ou dormir continuamente” (Flaubert, 1981, p. 217).

O fim

Com os bens penhorados e o guarda da penhora acomodado em seu sótão, Ema tentou, sem sucesso, obter dos amantes e conhecidos o dinheiro de que precisava. Foi a Ruão, pedir ajuda aos banqueiros dos quais se lembrava: “Alguns lhe riram na cara; todos lho negaram” (p. 220). Inadida pela loucura, correu à farmácia e obrigou o empregado a abrir-lhe a porta do quarto onde Homais guardava seus ingredientes. Foi direito à terceira prateleira e apanhou um frasco azul, do qual “tirou um punhado de pó branco e pôs-se imediatamente a comê-lo” (Flaubert, 1981, p. 234).

Deitou-se, depois, na cama, a espera dos sintomas do envenenamento, que logo vieram, violentos. Em meio às convulsões, “sonhava haver terminado com todas as traições,

baixeiras e inumeráveis ansiedades que a torturavam”. (Flaubert, 1981, p. 236). Quando o padre Bournisien veio ministrar-lhe os sacramentos, “pareceu tomada de alegria (...) encontrando, sem dúvida, no meio de um alívio extraordinário, a voluptuosidade perdida dos seus primeiros arroubos místicos” (Flaubert, 1981, p. 240). Teve, a seguir, uma convulsão. “Todos se aproximaram. Ema não existia mais” (Flaubert, 1981, p. 242).

A vitória de Homais

A visita do Dr. Larivière, chamado às pressas para tentar salvar Ema, foi valiosa para o farmacêutico Homais. Não podendo, “por temperamento, separar-se das celebridades” (Flaubert, 1981, p. 238), suplicou ao cirurgião que fosse almoçar em sua casa. Ali, pôde ostentar sua erudição e expandir seu orgulho de anfitrião “e a aflitiva lembrança de Bovary contribuía vagamente para o seu prazer” (Flaubert, 1981, p. 239). Quanto a Carlos, abatido pela tragédia e, mais ainda, pela descoberta das traições de Ema, faleceu pouco tempo depois. Desde então, três médicos passaram por Yonville, sem conseguirem estabelecer-se, batidos pela concorrência de Homais, “que tem uma clientela infernal; a autoridade poupa-o e a opinião pública o protege. Acaba de receber a Legião de Honra” (Flaubert, 1981, p. 259).

Análise fenomenológica

Mundo próprio e mundo compartilhado

O caso Ellen West (Binswanger, 1957) nos oferece um ponto de apoio inicial para a abordagem do “caso” Ema Bovary: a oposição entre mundo próprio e mundo compartilhado. Ellen repudia o mundo judeu e burguês onde nasceu, o mundo onde é gorda, feia e pesada. Ema, por seu lado, despreza tudo que a rodeia em sua vida provinciana: a conversa de Carlos, “plana como o passeio da rua” (Flaubert, 1981, p. 35), “os campos enfadonhos, os burguesinhos imbecis, a mediocridade da existência” (Flaubert, 1981, p. 48).

Assim como Ellen, se vê tomada pelo desejo de um mundo feito de leveza, espiritualidade e elevação, que Binswanger denomina “mundo etéreo”. Ellen quer ser espiritual, não ter corpo, e pede a Deus que a faça de novo, mas que a faça melhor (Binswanger, 1957), isto é, magra e delicada. Ainda menina, interna no Convento das Ursulinas, Ema “foi descaindo docemente para a languidez mística que se exala dos perfumes do altar, da frescura da água benta e do flamejar dos círios” (Flaubert, 1981, p. 31). Ao longo

de toda a vida, ambas se veem compelidas à busca desse mundo, com um desfecho similar.

Mas esta não é, na existência de Ellen e de Ema, a única oposição entre mundos. Para a primeira, o mundo etéreo compete com o mundo das tumbas, “no qual o deslumbrante sol da vida não brilha” (Binswanger, 1957, p. 62). É o abafado mundo subterrâneo, pelo qual se caminha rastejando e do qual ela foge amedrontada. Para Ema, o mundo etéreo, dos sentimentos idealizados e da languidez mística, compete com o mundo do brilho mundano, do luxo e da lascívia, que propomos chamar mundo feérico: maravilhoso, deslumbrante, profusamente iluminado. Ela imagina que a felicidade só possa vicejar num ambiente de luzes e riqueza, de ousadias amorosas, de desejos e satisfações intensas: “invejava as existências tumultuosas, as noites mascaradas, os prazeres insolentes, com todos os desvairamentos que não conhecia e que eles deviam provocar” (Flaubert, 1981, pp. 53-54).

Assim como, para Ellen, mundo etéreo e mundo das tumbas são inconciliáveis, também para Ema mundo etéreo e mundo feérico não se harmonizam. Ao longo da vida, ela desliza de um para outro, sem descanso. Fatigada pela lascívia, deseja, “voando como uma ave, ir rejuvenescer em qualquer parte, bem longe, nos espaços imaculados” (p. 217). Em um momento, exasperada com a mediocridade da sua existência, entrega-se a paixões exaltadas, reais ou imaginárias; em outro, ferida e assustada com a própria exaltação, refugia-se em aspirações místicas, quer ser santa. Em nenhum desses mundos – etéreo ou feérico – ela se enraíza, em nenhum deles pode “sentir-se ‘como em sua própria casa’” (Binswanger, 1972, p. 209).

Alternância dos mundos

Podemos distinguir, na vida de Ema, uma sequência de movimentos que se repete em ondas: exaltação sensual > queda e prostração > arroubos místicos. É como se sua existência oscilasse, continuamente, entre o mundo feérico, dos prazeres insolentes e dos desvairamentos, e o mundo etéreo, da pureza e da virtude, atravessando, entre eles, depressões escuras em que a morte se anuncia. Ao longo de sua vida, podemos distinguir quatro grandes movimentos em que se alternam exaltação sensual, prostração profunda e elevação mística.

O primeiro movimento ocorre após o baile em Vaubyessard, com a exaltação despertada pelo contato com o luxo e o brilho do castelo, seguida pela prostração que leva à mudança para Yonville. O segundo se eleva na paixão abafada por Léon, passa por uma afetação virtuosa e desaba em nova crise de raiva e tristeza. O terceiro movimento envolve a

exaltação sensual vivida com Rodolfo, atravessa o profundo sofrimento trazido pelo abandono e se eleva, novamente, em arrebatos místicos. Por fim, no quarto movimento, a exaltação atinge o ápice no romance com Léon, chega ao vale mais profundo com a derrocada financeira e existencial, para se elevar na exaltação mística que precede sua morte.

Exaltação e maneirismo

Na contínua alternância entre o mundo feérico, da exaltação sensual, e o mundo etéreo, dos arrebatos místicos, podemos identificar o que Binswanger (1972) define como formas de existência malograda, notadamente Exaltação e Maneirismo. O acesso aos mundos elevados – feérico e etéreo – se dá pela Exaltação. O Maneirismo se manifesta nas tentativas de atuação no mundo compartilhado.

A exaltação dos mundos elevados

Por Exaltação – ou Extravagância, na tradução brasileira – Binswanger (1972, p.26) entende “o deixar-se-levar-para-cima”, segundo as próprias disposições, por desejos, ideias, ideais”, em oposição ao “trabalhoso, fatigante subir pelos ‘degraus da escada’, nos quais esses desejos, ideias, ideais, se ponderam mutuamente – como sucede na arte, na filosofia e na ciência – e se podem transformar em palavras e feitos”. Tal “deixar-se-levar-para-cima” ocorre com Ema: na Exaltação do mundo feérico, ela fixa para si um ideal (de parceiro amoroso, de prazer sensual, de luxo e refinamento) muito elevado para a base horizontal da experiência. Na Exaltação do mundo etéreo, afeta elevações místicas, assume ares de predestinação sublime.

Seus desejos de elevação amorosa e social levam-na a tecer, o tempo todo, comparações entre o mundo que compartilha com seus contemporâneos e aquele ao qual almeja elevar-se. Carlos era competente e sua conduta inspirava confiança; já em Tostes, sua reputação como médico estava definitivamente firmada. Ema, no entanto, não lhe via qualidades: desejaria ter por marido um estudioso ilustre, cujo nome fosse visto “nas vitrinas das livrarias, repetido nos jornais, conhecido em toda a França” (p. 50). Levada pelos “arrebatamentos e angústias por que estivera quase a morrer” (p. 168), empenha-se, obsessivamente, em subir para o mundo elevado da paixão e da arte. Não lhe é possível, no entanto, fazê-lo por meio do “trabalhoso, fatigante subir pelos ‘degraus da escada’” (Binswanger, 1972, p.26). Sua relação com a música, pela qual demonstra algum talento e que

poderia valorizá-la socialmente, ilustra de forma clara essa impossibilidade:

“Como nunca lhe seria possível, de vestido de veludo com manga curta, em um piano Erard, tocar, num concerto, com os dedos ligeiros nas teclas de marfim e sentir, como uma brisa, passar-lhe em torno um murmúrio de êxtase, não valia a pena aborrecer-se com o estudo” (p. 51).

Esse desejo solista, que isola a existência de Ema “da orquestra de seus contemporâneos”, a conduz àquela altura da qual “não se pode caminhar para diante ou para trás e tampouco se pode descer; só é possível continuar flutuando ou cair” (Binswanger, 1972, p. 199). Tal isolamento, no entanto, afirma Binswanger, não é total: a Exaltação permanece aferrada aos seus contemporâneos “mediante o desejo de subir sobre eles” (Binswanger, 1972, p. 200). Carlos, Rodolfo e Léon são, para Ema, meios de elevar-se às alturas. Dos amantes ela se vale para alcançar seu mundo pleno de desvairamentos amorosos. De Carlos, esperava “aquela paixão maravilhosa que até então estivera pairando como uma grande ave de plumagens rosadas, nos esplendores dos céus poéticos (...)” (p. 34).

Ema se vale até mesmo daquele que acaba por levá-la à desgraça, o comerciante L’Hereux. É ele quem, vendendo-lhe a crédito, propicia a realização dos seus desejos de luxo: “Mandava-o chamar vinte vezes por dia e, imediatamente, ele levava tudo que ela desejava, sem se atrever ao mínimo queixume” (p. 194). Ajuda-a, com isso, a elevar-se àquela altura “na qual já não se tem solo algum sob os pés” (Binswanger, 1972, p.199) e cobra um preço impossível de pagar por essa ajuda.

Mas a Exaltação de Ema, como foi dito, não se limita ao mundo feérico, das paixões desenfreadas; se dá também no mundo etéreo, da elevação espiritual e dos arroubos místicos. Desde menina ela aspira “ao raro ideal das existências pálidas, nunca atingido pelos corações medíocres” (p. 33). No auge do sofrimento, encontra refúgio nas elevações místicas, compara-se às damas antigas que “se recolhiam à solidão, para ali espalharem aos pés de Cristo todas as lágrimas dum coração que a existência ferira” (p. 160).

O Maneirismo do mundo compartilhado

No Maneirismo, segundo Binswanger (1972, p. 223), a inautenticidade “se equivoca na medida ao buscar, ‘de forma espasmódica’, um ‘solo’ no qual possa estar de pé e encontrar apoio”. Assim ocorre com Ema: nas suas tentativas de encontrar solo em que apoiar-se, ela continuamente, se “equivoca na medida”. O tempo todo procura imitar um “modelo de

moda”: a anfitriã refinada, a parisiense sofisticada, a cortesã sensual, se amaneirando, a fim de “parecer aristocrática, elegante, culta e graciosa” (Binswanger, 1972, p. 227).

Em resumo, de tal forma Exaltação e Maneirismo se fazem presentes na existência de Ema, que para esgotá-los, seria necessário recontar toda a sua vida. O tempo inteiro, ao longo de sua história, o mal-estar existencial prenuncia a queda na falta de solo: “De onde vinha, pois, aquela insuficiência da vida, aquele apodrecimento instantâneo das coisas em que se apoiava?...” (p. 212).

Homais e o maneirismo do homem são

Se é possível que uma inautenticidade da existência atue como “possibilidade positiva” (Binswanger, 1972, p. 222), ou ainda, como um “amaneiramento do ‘homem são’” (Binswanger, 1972, p. 153), o farmacêutico Homais nos dá um paradigma de como isso pode acontecer. Ele empenha-se em parecer o que não é; publica elogios a si próprio e demonstra preocupação com as grandes questões – “moralidade das classes pobres, piscicultura, borracha, estradas de ferro etc.” (p. 255). Pelo menos um de seus papéis lhe rende, de imediato, dinheiro e prestígio: pratica, ilegalmente, a medicina e tem “uma clientela infernal” (p. 259).

Nada disso, porém, ele faz em oposição ao mundo compartilhado, ou como fuga desse mundo. Homais premedita e se amaneira “a propósito”; se move no senso comum e conhece as “regras do jogo” do comportamento humano” (Tatossian, 2006). Ao contrário de Ema, que busca no Maneirismo o solo “que não pode dar a si mesma” (Tatossian, 2006), ele se empenha em “fazer boa impressão” (p. 74) e se beneficiar disso. Enquanto ela, “Presença frustrada” (Tatossian, 2006), perde o solo e se suicida, ele prospera: “Adotou o gênero artista: fumava! E comprou duas estatuetas estilo Pompadour, para ornar a sala de visitas” (p. 255). Termina por receber a Legião de Honra.

Categorias fundamentais

Temporalidade

O tempo, para Ema, parece não se dar numa perspectiva de movimento. Ela própria diz ver o futuro como um corredor escuro, tendo ao fundo, uma porta bem fechada (p. 51). Nessa temporalidade “estática”, nada do que faça no presente poderá trazer possibilidades

novas para sua vida, abrir a porta fechada no fim do corredor. Quer a felicidade, mas a felicidade que deseja não é algo a que se chegue por meio de uma atuação no presente. É, antes, resultado de um evento avassalador: a paixão desenfreada, vivida em lugares maravilhosos, junto a um amante dotado de qualidades sobre-humanas. A arte, mas não a arte atividade humana, que envolve trabalho e empenho: a arte atributo das criaturas do mundo superior a que ela quer se elevar. Amor, arte, paixão, nobreza: para ela, tudo o que é relevante deve acontecer magicamente, revelar-se na vida como uma explosão. Diante disso, não pode empenhar-se – por meio do amor autêntico, do esforço, do fazer no mundo compartilhado – em algo que lhe mude a existência.

Como o ‘fazer no tempo’ não lhe parece suficiente para atingir as alturas a que almeja, Ema não consegue, tal com diz Binswanger (1957, p. 58), a respeito de Ellen West, “fincar raízes na práxis”. Presa ao desejo determinado de viver de outra forma, de tornar-se outra pessoa – não pelo trabalhoso processo de escalar degrau a degrau, mas pelo simples desejar – Ema isola-se em “seu sítio” e sua “mobilidade histórica já não avança” (Binswanger, 1972, p. 200).

Espacialidade

Para Ema Bovary, a felicidade não parece ser uma questão de ‘quando’, mas de ‘onde’. Não é algo que se construa no tempo, mas que se encontre no espaço. Parece-lhe que existem certas terras, cujo solo é propício à felicidade, que neles floresce como planta nativa (p. 35). É para lugares assim que ela quer ser transportada nas asas de uma paixão avassaladora. Numa carruagem puxada por quatro cavalos, quer fugir com Rodolfo para uma terra onde “os dias, todos eles magníficos, seriam iguais como ondas” (p. 147). Às quintas-feiras, foge com Léon para o quarto de hotel em Ruão e ali, também, procura encontrar aquele lugar propício à felicidade.

Há, ainda, outro aspecto relevante na relação de Ema com a espacialidade, relacionado a sua repulsão ao mundo compartilhado: “Quanto mais próxima lhe ficavam as coisas, mais seu pensamento se afastava delas” (p. 48). Quer a todo custo afastar-se do que a cerca – os afazeres diários, o marido, a filha, a casa que considera modesta demais.

Interpessoalidade

Na vida de Ema, a interpessoalidade é marcada pela assimetria: as pessoas estão ou abaixo ou acima dela. Os que vivem nos mundos elevados que idealiza, estão acima: ela os inveja. Os que partilham seu mundo contemporâneo estão abaixo: ela os despreza, ou vê como instrumentos, por meio dos quais alçar-se às alturas. Com isso, coloca-se inteiramente só, naquela solidão que, como diz Heidegger (2006), não se elimina, simplesmente porque junto de mim existem um ou dez outros exemplares de homem, uma vez que estes sejam “simplesmente dados”.

Corporeidade

A corporeidade de Ema Bovary está presente o tempo todo nas relações que estabelece; é por meio do corpo que ela dialoga. Carlos se encanta com suas grossas tranças, com sua língua passando pelos dentes finíssimos, para lambe o licor no fundo do copo. Achando-a esbelta e notando que não cumprimentava à maneira dos camponeses, o marquês d'Andervilliers se decide a convidar o casal Bovary para o baile em Vaubyessard. Sua longa cabeleira, “que rolava até a curva das pernas, soltando-se em anéis negros” (p. 161), põe atônito Justino, o jovem empregado do farmacêutico Homais. É por seu corpo que se encanta Rodolfo: “É encantadora essa mulher do médico! Belos dentes, olhos negros, pé elegante e o ar de uma parisiense (p. 100). Ao encontrar-se com Léon, “Ia no bico dos pés nus ver mais uma vez se a porta estava fechada, depois, com um só gesto, deixava cair ao chão toda a roupa (...) (p. 211).

Emma Bovary: uma existência possível, uma possibilidade existencial

A inautenticidade destruiu Ema Bovary, fazendo-a cair, pelo Maneirismo, “na falta de solo para apoiar-se” (Binswanger, 1972, p. 223). Pela Exaltação, sua existência se estancou, frente a “uma altura desproporcionalmente escarpada em relação à estreiteza da experiência (Binswanger, 1972, p. 231). No entanto, a autenticidade com que essa inautenticidade nos é apresentada, a fez eterna. Os censores de Flaubert tinham razão, ao argumentar que um personagem em que reconhecemos, tão claramente, a essência humana, não poderia ter sido meramente inventado. Tinha razão Flaubert ao lhes dizer em resposta: “Madame Bovary sou eu”. Como possibilidade existencial, Ema Bovary é Flaubert e seus censores, bem como cada um de nós. Vivemos na inautenticidade e essa inautenticidade exacerbada, pode deslocar as

proporções antropológicas da nossa existência (Binswanger, 1972), fazendo com que venha a faltar solo sob nossos pés. A vida, imitando a arte, nos mostra isso. O que Binswanger diz sobre Ellen West poderia muito bem ser dito sobre Ema Bovary:

“O sentido de sua vida não foi o de ser ela mesma, mas o de não ser ela mesma. Se falássemos em um fracasso dessa existência, este foi, então, o seu fracasso” (1957, p. 92).

Referências

- Binswanger, L. (1957). *Schizophrenie* (monografia online, Tübingen, Alemanha: Neske). (Tradução de Monica Niemeyer). Recuperado de <https://www.yumpu.com/pt/document/view/13708941/o-caso-ellen-west-laboratorio-de-psicopatologia-fundamental>
- Binswanger, L. (1972). *Tres formas de la existencia frustrada: exaltación, excentricidad, manierismo*. (Tradución de Edgardo Albizu). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Chamond, J. (2004). Haut, bas et présomption dans Madame Bovary de G. Flaubert. In J. Chamond. *Les directions de sens: phénoménologie et psychopathologie de l'espace vécu* (p.171-194). Paris, França: Collection Phéno.
- Flaubert, G. (1981). *Madame Bovary*. (Tradução de Araújo Nabuco). São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Heidegger, M. (2006). *Ser e tempo*. (Tradução de Marcia Sá Cavalcante Shuback). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sartre, J. P. (2013). *O idiota da família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. (Vol 1). (Tradução de Julia da Rosa Simões). Porto Alegre, RS: L&PM.
- Sierra, N. V. (2007). En los 150 años de Madame Bovary, 1857-2007. Diseño de un personaje: Madame Bovary. *Pensamiento y Cultura*. 10(1), 123-37. Recuperado de <http://pensamientoycultura.unisabana.edu.co/index.php/pyc/article/viewFile/1171/1233>
- Tatossian, A. (2006). *A fenomenologia das psicoses*. (Tradução de Célio Freire). São Paulo, SP: Escuta.